

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES - FICS

DIRECCIÓN DE POSTGRADOS



SHIRLEI CONCEIÇÃO DOS SANTOS SILVA

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR DE MATEMÁTICA E SEUS
ALUNOS: INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM**

**Asunción - Paraguay
2015**

SHIRLEI CONCEIÇÃO DOS SANTOS SILVA

**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR DE MATEMÁTICA E SEUS
ALUNOS: INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Carlino Ivan Morinigo

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:
**A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR DE MATEMÁTICA E SEUS
ALUNOS: INFLUÊNCIAS NA APRENDIZAGEM**

SHIRLEI CONCEIÇÃO DOS SANTOS SILVA

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Dr. Carlino Ivan Morinigo

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Antar Morel

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Profa. Dra. Susana Barbosa Galvão

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Prof. Dr. Ismael Fenner Secretario General

FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES

Asunción - Paraguay
2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Josias Silva, grande parceiro e incentivador. Partilho com ele esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, fonte de força, coragem e perseverança, que me ensinou a não desistir em meio às lutas.

Ao meu esposo Josias Silva por me apoiar e incentivar em todos os momentos.

Ao meu querido filho Josias, que vivenciou no meu ventre esse momento de produção, ele me faz querer ser melhor enquanto ser humano.

Aos meus pais, Josué e Maria, que me ensinaram a ser, antes de mais nada, humana, a olhar as pessoas não pelo que elas têm ou representam, mas, pelo que elas são.

Às minhas irmãs Antonia, Nair e Aline que sempre acreditaram em mim e me apoiaram no que precisei.

Às minhas irmãs em Cristo, Cristiane Pessoa e Jucilene Correia, pelo incentivo e apoio dedicados sempre que necessitei.

Aos meus professores, em especial, ao Professor Renato Figueiredo, grande exemplo de docente e pessoa, pela dedicação, apoio e compreensão.

Às minhas colegas e amigas Genice Andrade, Jucilene de Jesus e Maria José, pelas caronas, parceria e apoio em todos os momentos do curso.

Enfim, a todos os meus alunos, que me ensinam a cada dia a ser, “não uma máquina de ensinar”, mas uma profissional da educação preocupada não só com o futuro acadêmico de seus alunos, mas também, com o ser humano que ele foi, é e será.

MENSAGEM

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes".

Rubem Alves

RESUMO

O objeto de estudo que origina esta dissertação é a relação afetiva entre o professor de matemática e seus alunos e as influências na aprendizagem. As finalidades centrais do trabalho é especificar a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de matemática, e compreender como acontece a relação de troca de conhecimento entre o professor e os alunos, assim como a relevância da afetiva para entender os conteúdos pertinentes da disciplina. A pesquisa foi realizada através de um levantamento bibliográfico, que foi desenvolvida de forma descritiva e exploratória realizada por meio de consultas de livros, revistas e artigos científicos pesquisados sobre o tema, os quais nortearão o pressuposto teórico e a análise do tema pesquisado. Os resultados obtidos por meio do estudo mostra a importância da afetividade na sala de aula como instrumento facilitador de aprendizagem. A função do professor é apresentada como um facilitador da compreensão do mundo, possibilitando aos alunos dar significado às suas próprias descobertas. A Afetividade vivenciada em relações sociais positivas, valida as experiências humanas em busca do conhecimento. É natural do ser humano a necessidade de sentir-se encorajado, incentivado a realizar determinada tarefa, seja ela nova ou rotineira. Na sala de aula em que as situações se repetem com frequência, gerando acomodação e certa resistência por parte dos alunos à realização dos mesmos afazeres diariamente, faz-se necessária à motivação. O comportamento humano está espontaneamente pertinente com a motivação das pessoas, apresentando aspectos da motivação é todo comportamento que leva o indivíduo a agir ou a comportar-se de definida maneira em uma dada circunstância em adequado período de sua vida.

Palavras - chave: Afetividade, Matemática, Prática, Professor afetivo.

ABSTRACT

The object of study which leads this dissertation is the affective relationship between mathematics teacher and his students and the influences on learning. The central purpose of the work is to specify the contribution of affectivity in the teaching and learning in math, and understand as it is the ratio of exchange of knowledge between teacher and students, as well as the importance of affective to understand the relevant contents discipline. The survey was conducted through a literature review, which was developed in a descriptive and exploratory way done through consultation of books, magazines and papers researched on the subject, which will guide the theoretical assumption and the analysis of the research topic. The results obtained through the study shows the importance of affectivity in the classroom as a tool facilitator of learning. The teacher's role is presented as a facilitator of understanding the world, enabling students to give meaning to their own discoveries. The Affection experienced in positive social relationships, validates human experiences in pursuit of knowledge. It is natural human need to feel encouraged, encouraged to perform a certain task, whether new or routine. In the classroom where the situations are repeated frequently, generating accommodation and some resistance from students to achieve the same daily chores, it is necessary to motivation. Human behavior is spontaneously relevant to people's motivation, presenting aspects of motivation is all behavior that leads the individual to act or behave in a defined manner in a given circumstance in appropriate period of his life.

Key - words : affectivity. Mathematics. Practices . affective teacher.

SUMÁRIO

Capitulo 1 Introdução	10
Capitulo 2 A relação afetiva entre o professor de matemática e seus alunos	19
Capitulo 3 Ensino de matemática nos dias atuais	26
Capitulo 4 A importância das relações interpessoais para aquisição da aprendizagem	39
Capitulo 5 Afetividade contribui de forma positiva na sala de aula	46
Considerações Finais	49
Referencias	51

CAPITULO 1

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema a relação afetiva entre o professor de matemática e seus alunos: influências na aprendizagem, no qual indagamos o espaço da afetividade na relação professor/aluno, e o nível de influencia na aprendizagem na sala de aula. O encanto pelo tema surgiu através da experiência como professora de Matemática do Ensino Médio. Observando a forma de abordagem de alguns professores no ambiente escolar entre professor e alunos.

O assunto fundamental é especificar a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de matemática do ensino médio, e compreender como acontece a relação de troca de conhecimento entre o professor e os alunos, assim como a relevância da afetiva para entender os conteúdos pertinentes da Matemática.

A afetividade no processo de ensino e aprendizagem, se dar de forma eficaz para a realização do desenvolvimento através da atenção na relação entre o professor e aluno. O afeto mostra que no espaço escolar é importante dar mais atenção as emoções do aluno do que a transmissão automática de conteúdos, causando insuficiência no processo de aquisição do conhecimento.

As dificuldades de aprendizagem em Matemática têm angustiado professores e demais envolvidos no processo. Segundo Fernandez (1991), assim como há uma falta de aprendizagem, é necessário refletir sobre estas condições, pois o problema pode encontrar-se no educador, na escola, nos pais e não excepcionalmente no educando.

Atualmente, na sociedade, vem ocorrendo grandes transformações culturais, sociais e econômicos, as quais provocam influências diretas nos alunos. Essas transformações, por sua vez acabam por provocar alterações nos comportamentos os alunos e este fato torna a escola mais vulnerável.

A afetividade é atualmente considerada por vários autores como: Dias, (2003) fator relevante na interação no processo educacional, por instituir um ambiente favorável à aquisição do conhecimento pelo sujeito em constituição. Desta forma, há alguns anos, muitos pesquisadores vem focando seus estudos para a contribuição da afetividade na prática pedagógica.

O primeiro capítulo faz uma contextualização sobre a relação afetiva entre o professor de matemática e seus alunos; o segundo capítulo, aborda o Ensino de Matemática nos dias atuais e o terceiro capítulo aborda importância das relações interpessoais para a aquisição da aprendizagem.

A educação, sem sombra de dúvidas, é uma das áreas mais fascinantes que existe, e dedicar nossa vida acadêmica e profissional à mesma, certamente é uma honra. É inegável que, todas as profissões, independente do seu grau de importância, passam pela necessidade de se ter sido educado para o exercício da mesma, e na maioria das vezes, é necessário que se passe por anos de estudos em sala de aula. Mas ainda mais fantástico do que isso, é que a educação é responsável direta, não apenas por formar profissionais, mas, principalmente, por constituir e reconstruir valores essenciais à formação humana. De modo que é impossível um profissional da educação, ensinar apenas técnicas, ou conhecimentos que servirão para o futuro profissional ou acadêmico do indivíduo, sem transmitir, conscientemente ou não, conhecimentos que lhes servirão para a vida.

Todos os profissionais de uma instituição de ensino têm um importante papel com relação à afetividade, de modo que sua relação com os alunos os façam se sentir seguros, proporcionando lhes um ambiente favorável à aprendizagem, mas o papel do professor é fundamental na construção de uma relação saudável entre aluno e aprendizagem, e isso se torna muito mais prazeroso quando na sala de aula, se faz presente a afetividade.

Sempre valorizei muito a relação professor aluno mesmo quando estava na condição de aluno, para mim, o respeito e a estima aos profissionais da educação sempre esteve como um dos pontos essenciais no processo educacional. Estudei durante todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, onde apesar de haver algumas deficiências em relação a aspectos cognitivos, havia por parte da maioria dos professores uma notável sensibilidade aos aspectos emocionais e afetivos para com os alunos, com os quais construía relacionamentos que ultrapassavam os muros das escolas.

Quando estamos envolvidos no processo educacional ouvimos muito e falamos sobre problemas, dificuldades, retrocessos, empecilhos, limitações, falta de reconhecimento e investimento e uma série de outros assuntos que, aos nossos olhos, impossibilitam a educação de qualidade que tanto almejamos. Mas por outro lado enquanto estamos com os olhares voltados para os problemas, não vemos as

belas flores dessa mesma educação que desabrocham à nossa frente. Basta olharmos à nossa volta e veremos grandes exemplos de sucesso oriundos da educação, e por que não damos tanta atenção a esses exemplos?

Se olharmos à nossa volta veremos grandes exemplos de pessoas que acreditaram no poder transformador da educação, eu me considero um desses exemplos, pois não teria expectativa nenhuma de crescimento, não fosse através do ensino público. Nasci na zona rural do Município de Presidente Tancredo Neves, onde cresci e vivi até os dezessete anos de idade, filha de agricultores que não tiveram oportunidade de estudar, mas sempre valorizaram e incentivaram suas quatro filhas a fazê-lo. Comecei a frequentar a escola, que era na verdade um cômodo da casa da professora, aos seis anos de idade, e embora as condições de ensino fossem precárias, em todos os sentidos, desde cedo aprendi que poderia ser transformada por ele, afinal de contas ouvia constantemente dos meus pais que “o melhor que agente tem pra oferecer aos filhos é o estudo”, e eu levei aquilo muito a sério, acreditei que era a única forma de alcançar outros horizontes, afinal, embora admirasse muito a profissão dos meus pais, pois era de onde tiravam o nosso sustento, não tinha nenhuma intenção de segui-la. Três anos depois que ingressei na vida escolar e após muitos pedidos dos moradores da comunidade, foi construída uma escola próximo à minha casa, onde concluí as séries do ensino fundamental I.

E então, nos vimos diante de um dilema: parar de estudar ou nos deslocar diariamente para uma escola que ficava a 12km de onde morávamos? Na verdade, o problema não era à distância e sim as condições de locomoção, uma vez que as estradas eram intransitáveis em períodos de chuva, mas apesar das dificuldades, escolhemos fazer o certo, enfrentá-las. E lá estávamos nós, eu, minhas irmãs, primos e outros moradores da comunidade, diariamente na aventura de ser transportados por um “pau-de-arara”, é como chamamos os caminhões que transportam as pessoas das zonas rurais de difícil acesso, e por falar em difícil acesso, recordo-me dos períodos de chuva, quando nem mesmo os “paus-de-arara” conseguiam transitar nas ladeiras cheias de lama, e a aventura só aumentava, pois tínhamos que caminhar de cinco a oito quilômetros diariamente até o ponto onde o caminhão aguardava os estudantes. Mas as dificuldades também servem para nos impulsionar quando queremos muito chegar a algum lugar, afinal como afirma Maria da Conceição de Almeida em *Por uma ciência que sonha* “só se edificam castelos

na areia se as mãos se tornam veículos de onde flui criatividade capaz de transformar areia em castelos”.

Apesar de não ser nem um pouco atrativa a jornada, afinal, tínhamos que caminhar descalças, pois os calçados não resistiam à lama então nós os levávamos numa sacola e só quando chegávamos próximo ao ponto onde aguardava o caminhão, lavávamos os pés e os calçava, eu tinha muito orgulho de ser estudante, isso significava pra mim, não estar satisfeito com a minha realidade de vida e não cruzar os braços diante disso, pelo contrário, ir em busca dos meus objetivos. Concluí as séries finais do ensino fundamental, com exceção do 8º ano que cursei em uma escola no Povoado de Corte de Pedra onde morei um ano na casa dos meus tios, na Escola Ipiranga que ficava numa localidade que intermediava a sede do município e a comunidade onde eu morava.

Minha expectativa ao concluir o ensino fundamental era cursar o Magistério, mas coincidentemente foi quando o Município deixou de oferecer o curso, pois a partir de então o estado é que se responsabilizaria pelo ensino médio, e assim o fiz. Um dos maiores desafios dessa fase na escola foi vencer a dificuldade que eu tinha em me expressar, por ser da zona rural e possuir um vocabulário bem peculiar, eu tinha muita dificuldade em expor as minhas ideias e os meus pensamentos em sala de aula, pois ali haviam alunos que se achavam superiores a mim, apenas pelo fato de morarem na zona urbana, e até mesmo alguns professores muitas vezes tratavam com diferença os que tinham facilidade em lidar com as palavras. Aos poucos eu fui superando e hoje tenho um orgulho enorme das minhas raízes. E acredito que como professora, tenho uma obrigação maior, ter um olhar especial para aqueles alunos que vêm da mesma realidade que eu vim e passa por dificuldades semelhantes às que eu passei. Reporto-me aqui a Pedro Rocha dos Reis que diz que:

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional (REIS, 2005, p.4).

Antes mesmo de concluir o que chamávamos de Formação Geral, eu já substituí os professores da escola que ficava próximo a minha casa, quando eles precisavam faltar, e assim eu fui me encantando pelo ato de ensinar. E então surgiu

uma oportunidade de dar aulas pelo AJA (Alfabetização de Jovens e Adultos), e como eu sempre soube aproveitar as oportunidades que surgiam, abracei-a, foi a primeira experiência que tive como professora e talvez uma das mais importantes, aprendi muito com aqueles alunos que tinham tanto conhecimento de mundo e queriam muito aprender, principalmente a escrever seu próprio nome. Com certeza eu aprendi mais com eles do que eles comigo, mas muitos ainda são gratos até hoje pelo pouco que conseguiram aprender.

A partir de então, comecei uma experiência que considero maravilhosa, tive a oportunidade de lecionar em quatro das escolas que estudei, e isso me possibilitou ter um olhar diferenciado para o ensino. Afinal de contas, todas as vezes em que precisei me colocar no lugar do aluno, era de mim que eu lembrava. Durante alguns anos eu trabalhei como professora substituta de alguns colegas que estavam de licença e também por contrato temporário da prefeitura e mesmo sabendo da instabilidade comum a essa situação, eu iniciei a faculdade. Cursei licenciatura em matemática em uma faculdade particular na qual consegui meia bolsa pelo PROUNI, e como até então não tinha conseguido passar num vestibular para uma pública, abracei a oportunidade e fiz o melhor que pude. No ano que concluí a graduação o Estado da Bahia realizou concurso público para professores e embora a concorrência fosse grande, eu fui aprovada. Concordo com Maria da Conceição de Almeida quando se refere aos sonhos e afirma que:

Construtores de sonhos, veículos de desejo, esta é a síntese da condição humana. Fazedores de castelos de areia. A única espécie viva que sonha acordada, como nos lembra Edgar Morin. Nada a estranhar, uma vez que, conforme Shakespeare, somos feitos da mesma matéria que são feitos os sonhos. (ALMEIDA, 2003, p.2).

Costumo dizer que soube aproveitar as oportunidades que chegaram até a mim, e hoje estou cursando mestrado, o que para muitas pessoas pode não significar muita coisa, mas para mim é muito mais do que eu poderia imaginar alcançar através da educação, aquela educação criticada por muitos, mas que tem um poder transformador enorme, basta que acreditemos e a levemos a sério e eu sou encantada pela educação.

Certamente é por conta das minhas experiências de vida, que hoje dou muita ênfase à importância da afetividade na prática pedagógica e sua visível capacidade

de influenciar de forma positiva ou negativa no processo de ensino aprendizagem. Se eu fico feliz até hoje quando ouço um elogio ou alguma observação sobre um comportamento meu, enquanto aluna por parte de um professor que me ensinou no 5º ano e com o qual mantenho contato até hoje, por que eu me eximiria da possibilidade de construir essas mesmas relações com os meus alunos? É fato que nem todos os educandos estão abertos a isso, mas eu faço questão de deixar claro para eles que há uma porta aberta na minha relação com eles para tratar de qualquer assunto, dúvida ou dificuldade que por ventura estiver enfrentando.

É incompreensível para alguns profissionais, é claro, que acreditam que o professor precisa se posicionar sempre como alguém diferente do aluno, dono do conhecimento, alguém que estudou para estar ali e por isso precisa ser tratado com diferença. Eu respeito esses pontos de vista, mas discordo, pois já colhi muitos frutos saborosos, ouvi de um aluno: professora eu sempre odiei matemática, mas agora eu to começando a gostar, me prova que estou no caminho certo, pois sei que eu não descobri a fórmula mágica para ensinar matemática, nem almejo, apenas dei liberdade para aquele aluno de expor suas dificuldades e, principalmente, fazê-lo compreender que ele pode superá-las.

Comecei a refletir sobre isso quando comecei a dar aulas de matemática, área da minha formação acadêmica, e ouvia de alguns alunos: professora, a senhora não tem cara de professora de matemática. E ao começar a investigar o que estava por trás dessa fala, percebia que a visão que muitos alunos tinham de um professor de matemática é que eles eram severos, fechados a afetividade em sua relação com os alunos, e por conta disso muitos tinham até medo de fazer algum questionamento ou expor suas dúvidas.

Certamente esse tipo de posicionamento de muitos professores tenha contribuído para distanciar os estudantes desta disciplina tão importante, levando-os a terem aversão a essa área do conhecimento. Decidi ser diferente, me apresentar com mais leveza e tentar apresentar aos alunos uma matemática menos assustadora e mais prazerosa, não que isso seja uma tarefa fácil, mas quando construo uma relação leve e sincera com meus alunos, respeitando as suas qualidades e também suas limitações, percebo que a matemática também ganha uma cara nova na concepção deles e é comum ouvir de muitos: aula de matemática?! Ainda bem que é com essa professora! Não que eu seja ou tenha intenção de ser uma professora revolucionária, mas porque eu priorizo não o

conteúdo, o conhecimento ou a aprendizagem, que obviamente são muito importantes, mas nada é mais importante pra mim, enquanto profissional da educação, do que o meu aluno.

Na minha caminhada enquanto estudante eu me vi muitas vezes em situação de desigualdade, seja pela minha condição financeira, por morar em uma zona rural que é discriminada por ser uma das mais longe da sede do município e conseqüentemente ser de difícil acesso, por falar muitas palavras consideradas erradas por professores e colegas, mesmo sendo comum na comunidade onde eu morava, pela maneira simples com que eu me vestia, enfim, em muitas situações eu me sentir como “um patinho feio”, o que muitas vezes me fazia ter uma postura de ‘encapsulamento’ onde eu tinha vergonha de expressar as minhas opiniões por medo das críticas, não expunha as minhas dúvidas, e muitas vezes me sentia inferior aos meus colegas de sala.

Por ter vivido experiências de exclusão quando o aluno hoje eu tenho um olhar muito atento aos meus alunos em sala, procuro sempre dar atenção e incentivo àqueles que, assim como eu, precisam caminhar quilômetros até o transporte que o conduzem à escola, moram na zona rural e usam uma linguagem própria da sua região, têm dificuldades em interagir e debater seus pontos de vista com os colegas e professor, dentre outras características que normalmente os tornam diferentes dos demais. Procuro sempre conhecer a realidade de cada um dos meus alunos e normalmente no meu primeiro dia de aula com a turma, costumo contar um pouco da minha trajetória na educação, as dificuldades e lutas que contribuíram para que hoje eu me tornasse a profissional que sou. Dessa forma, percebo que os educandos passam a ter mais respeito pelo meu trabalho e, principalmente, passam a valorizar mais as suas próprias histórias, ao perceber que os problemas enfrentados por eles podem servir de energético para que tenham um posicionamento crítico diante da vida e tenham consciência das suas escolhas, não ignorando suas raízes, mas retirando delas vigor para a vida.

Nesse sentido, esse estudo tem por objetivo, investigar as influências dos aspectos posturais nas interações entre professores e alunos em sala de aula de um Colégio da rede Estadual da Bahia, identificando os aspectos afetivos presentes nessas relações.

O processo afetivo é muito importante para a vida humana e inicia-se antes mesmo de a criança nascer, como já afirmava Freud, no início do século passado:

“A vida intrauterina e a primeira infância estão muito mais incluídas numa conexão de continuidade do que faria crer a cesura impressionante do ato do nascimento”, hoje é possível confirmar que nas últimas semanas de gestação os bebês respondem aos diferentes estímulos provocados pela mãe ou por outra pessoa através do contato com a barriga da mesma. Após o nascimento esse processo é fortalecido no lar da criança na convivência com sua família e posteriormente na escola, na relação com os educadores e os colegas. Em cada uma dessas etapas, a demonstração de afeição é essencial para o desenvolvimento do indivíduo.

A afetividade está relacionada também com a procura por respostas em relação a si mesmo, portanto a relação com o meio em que está inserido é de suma importância uma vez que algumas habilidades só são desenvolvidas através do convívio com pessoas de realidades diferentes das vivenciadas no seu convívio familiar. A escola é essencial para o crescimento intelectual e cognitivo da criança, pois permite o contato com outras crianças possibilitando o seu desenvolvimento de forma plena e significativa, agregando-lhes conhecimentos direta ou indiretamente. Cada funcionário da escola tem um importante papel nesse processo, desde o Porteiro, na forma como ele recepciona o aluno, a Merendeira ao servir o lanche, os Secretários e Diretores na forma de tratar os educandos e principalmente, o professor que passa muito mais tempo lidando com eles do que qualquer outro funcionário da escola. Cada ação do educador em sala de aula passa uma mensagem para o aluno, cada palavra, cada olhar, cada gesto fala muito e pode servir tanto de estímulo caso sejam positivos como de desestímulo caso sejam negativos.

Muitas vezes estamos tão preocupados em transmitir os conteúdos que foram programados, que perdemos a oportunidade de vivenciar experiências que produzirão conhecimento para a vida, não apenas do aluno, mas também do professor. Se observarmos a nossa prática, veremos que há uma ansiedade tão grande, porque temos que concluir um conteúdo, porque temos que marcar as atividades avaliativas, porque temos que fechar a unidade, que quase nunca estamos preocupados com o essencial, com o nosso aluno. Olhar no olho, saber como ele está, como ele aprende e se não aprende, investigar o que dificulta sua aprendizagem, porque muitas vezes o aluno só precisa ser enxergado, ouvido, reconhecido enquanto ser humano, para se sentir efetivamente parte daquele grupo. O conhecimento é essencial, mas não podemos colocá-lo acima da valorização do

outro, respeitando-o e reconhecendo as suas limitações. Nós, professores costumamos reclamar porque estamos fazendo um papel que vai muito além de transmissor de conhecimento, é muito comum ouvir de um educador que fazemos, hoje, o papel de pai, de psicólogo, de palhaço, dentre outros, mas deveríamos nos orgulhar disso.

É preocupante que muitos pais estejam transferindo para a escola, a sua responsabilidade de ensinar os valores para seus filhos, por exemplo, mas ao mesmo tempo, se somos educadores, não podemos nos eximir dessa responsabilidade, uma vez que estamos formando não apenas estudantes, futuros profissionais, mas acima de tudo, seres humanos. Se os pais não estão fazendo e eu, enquanto educadora, posso fazer, eu não posso negar a esse ser humano nenhum tipo de conhecimento.

CAPITULO 2

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O PROFESSOR DE MATEMÁTICA E SEUS ALUNOS

Este capítulo faz um estudo sobre as relações afetivas entre o professor de matemática e seus alunos.

Para entender a temática afetividade na Educação, é necessário compreender que a educação é direito de todos. E que a dificuldade de aprendizagem vai existir e precisa ser sanadas. Para tanto, é preciso que a comunidade escolar juntamente com as famílias sejam sujeitos participativos no processo.

Quando o aluno descobre o universo da afetividade no ambiente escolar passa a entender com mais facilidade as modificações constantes, descobrindo assim, suas habilidades. O professor afetivo entende e acompanha esse caráter transformador na vida de cada indivíduo. O aluno sente-se motivado a participar das atividades proposta de forma espontânea desenvolvendo assim, autonomia para participar, expressar-se de forma construtiva. É nesse momento que a escola tem que estar adaptada, preparada para acompanhar esse desenvolvimento.

As escolas se preocupam mais com os conteúdos do que como os sentimentos dos alunos. O indivíduo é completo com sentimentos e sonhos tentar preparar uma parte sem interferir nas demais é aprofundar no ser vazio. Explicar um conteúdo de maneira mecânica sem saber se o jovem estiver aberto no sentido de assimilar é de fato expõe o conteúdo mais não transmitir o conhecimento. Os conteúdos devem ser passados de forma a atender as dificuldades de todos. Em muitos casos os alunos ficam na sala de aula e é visto pelo professor como desinteressado. A afetividade transforma esse momento em interação, superação, satisfação e conhecimento.

Entretanto, ensinar tem que ser para transformar o conhecimento em novas atitudes dos jovens e adolescentes, isso só é possível quando se ensina com amor, carinho, é através das novas atitudes do aluno que o professor pode avaliar se seu método de ensino está atingindo seus objetivos ou não. Muitos jovens tem uma

carência de afeto, e o professor tem em suas mãos essa ferramenta tão importante e de poder modificador do pensamento humano. Se afetividade é capaz de transformar sociedade, imagine a vida de um adolescente.

Nesse sentido vale destacar as contribuições de Saltini (1997:15) que afirma que, “o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança, tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho.”

A escola precisa trabalhar afetividade com mais frequência porque a maioria dos alunos tem passado a maior parte do tempo na escola. Entretanto, o professor muitas vezes conhece mais a carência do aluno que a própria família, a escola deixou de ser vista como ambiente de educação formal. Ela atualmente vem exercer a função de transformar o aluno, preparar para viver em sociedade, para mercado de trabalho, dar apoio psicológico, familiar. Desta forma abriu-se um leque de responsabilidade para a escola, que foi desencadear problemas de aprendizagem em todas as séries e modalidades.

Para isso, a escola deve preparar seus professores com cursos de especialização, qualificação na área levando em consideração as habilidades e facilidade dos professores para enfrentar os obstáculos na sala de aula.

A influência no comportamento social que leva a interferir no comportamento emocional. O educador que prioriza a afetividade ao perceber a dificuldade do aluno procura logo investigar o problema, mas isso só é possível se houver uma relação de respeito, confiança entre eles.

As dificuldades de aprendizagem em Matemática têm angustiado professores e demais envolvidos no processo. Segundo Fernandez (1991), assim como há uma falta de aprendizagem, é necessário refletir sobre estas condições, pois o problema pode encontrar-se no educador, na escola, nos pais e não excepcionalmente no educando. Múltiplos estudos apresentam desenvolvimento procurando resolver essas problemas, as quais podem apresentar problemas.

Atualmente, na sociedade, vem ocorrendo grandes transformações culturais, sociais e econômicas, as quais provocam influências diretas nos alunos. Essas transformações, por sua vez acabam por provocar alterações nos comportamentos dos alunos e este fato torna a escola mais vulnerável ao risco da violência e deprecação do Patrimônio Público Escolar.

Dessa forma, as normas que regem a sociedade atual não se fazem presente, não se fundamentam na tradição. As gerações atuais vêm perdendo cada vez mais os contatos com a cultura de seus antepassados e, com isto, importantes valores de formação, deixam de ser difundidos nas gerações futuras.

Diante disso, se faz necessário uma mobilização de ações no espaço escolar, voltadas para a sensibilização e conscientização de alunos, professores, gestores, funcionários de apoio e comunidade, levantar fatores para a criação de um ambiente de cooperação e responsabilidade coletiva a partir do desenvolvimento de trabalho em grupo, das definições dos papéis de cada indivíduo, da organização dos recursos e do despertar consciência através do processo.

É importante compreender que a escola é uma instituição capaz de atender e atuar de maneira mais direta e decisiva, em prol da sua comunidade e da sociedade como um todo. É nela que o aluno pode aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a ser. Em conformidade aos quatro pilares da educação atual, tendo como centro a construção da humanidade.

A escola está inserida em uma comunidade, com a qual se identifica e interage, é essencial dentro desse contexto que a comunidade local se sinta parte integrante e a reconhecer as dificuldades de seus alunos. Dessa forma, propõe-se ensinar, a conhecer, valorizar e preservar afetividade nas aulas de matemática. Esse conhecimento deve ser adquirido na inter-relação de aspectos sensíveis e cognitivos, proporcionando a descoberta de significados e identificação.

A educação escolar é mais do que a simples transmissão de conhecimento. E o papel da escola é por consequência do educador criar situações para que o educando seja levado a procurar conhecimento, a fim de desenvolver outras habilidades.

Considerando que preservar os bens de uso comum, é uma das maiores demonstrações de um cidadão preparado para viver em sociedade. A escola tem a missão de formar indivíduos aptos a corresponder como cidadãos participantes, dentro de um ambiente de corresponsabilidade social, num contexto amplo de utilização e aproveitamento de forma eficiente.

De acordo com D'Ambrósio (1993), cada grupo social possui um modo diferente de matematizar e cabe ao professor aproveitar-se disso para facilitar o processo de ensino e de aprendizagem. Trata-se de uma tendência pedagógica designada por Fiorentini (1995) como Socioetocultural que surge como crítica à

“educação bancária”, que apenas transmitia ao aluno o conhecimento pronto e acabado, privilegiando uma valorização do saber trazido pelos alunos.

São muitos os desafios da atualidade no ensino de Matemática, adota o que se encontra apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Analisando a atual inquietação do governo com o acesso à fase imprescindível de escolarização, decorremos sobre desafio que está enfrentando. Há uma necessidade intensa sobre o atual método de ensino. A realidade é que o aluno não tem se apropriado do mínimo satisfatório de conhecimento para continuar seus estudos de maneira adequada. Isso é demonstrado de forma clara nas provas do ENEM que os resultados são devastador, dificuldade que vem acompanhando desde a educação infantil, chegando ao ensino médio e se arrasta até a faculdade.

Entender que essa sociedade é construído de um universo reflexivo e sensível, a demanda é acolher para que ele abranja o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar, pois é por meio dessa ponderação que o sujeito desenvolve a sua capacidade cognitiva.

A educação contemporânea deseja que a escola constitua um espaço de preparação do sujeito para as suas relações sociais, portanto ela admite o desempenho de educar e formar, constitui a escola como um ambiente adequado para a formação de cidadãos, com base na Lei de Diretrizes e Bases (1998) traz como uma das finalidades da educação. Concede aprendizagem escolar como um tanto social, intercedida por subsídios culturais, determinando uma nova postura para as práticas pedagógicas. Contudo, na sala de aula, alunos evidenciam uma transação de emoções e sentimentos que a escola não tem instigado em atendimento, ignorando a vida afetiva dos estudantes.

Assim, compreendemos que a afetividade e a cognição caminham ligadas, pois o sujeito é um ser acabado e indissolúvel. Faz-se imprescindível que a escola conheça e valorize a extensão afetiva do indivíduo, já que ele é dotado de conhecimento.

O amplo universo da ação da matemática decorre do acontecimento de que junto o sujeito está vinculado certificado a ele, através de estímulos da coletividade e da eficácia de instruções que se conduzem de maneira preferencial por intervenção da afetividade. O educador precisa demonstrar o que é verdadeiramente afetivo e fazer com que os educandos percebam de fato e consiga compreender a fundamental importância da do convívio afetivo na vida profissional, social. Nessa

expectativa, é demandada uma responsabilidade compartilhada no procedimento de educação e na qualidade da aprendizagem, dentre o educador que necessita que o educando aprenda e o educando que precisa estudar e aprender.

Conforme Cyrulnik a resistência não é uma capacidade individual, mas produto das relações positivas do sujeito faz com diferentes pessoas no ambiente de convivência. É uma maneira de suportar as adversidades que desenvolvemos por meio dos atributos dos apoios, incentivos, companhias etc. que ganhamos daqueles com quem vivemos.

É necessário explicar que distinguir a importância das emoções como fator fundamental de construção da vida do indivíduo e que as mesmas permanecem agregadas aos procedimentos cognitivos, sem oferecer mais destaque à razão ou afeto, em alguns momentos pode gerar desacordos.

No decorrer do século XX, a emoção foi escassa analisada pelos pesquisadores, a ciência a considerava individual demais. “A emoção encontrava-se no pólo oposto ao da razão, sendo esta, de longe, a mais refinada das capacidades humanas, e presumia-se que a razão era totalmente independente da emoção” (DAMÁSIO, 2000, p. 60).

A grandeza da afetividade é uma parte da dimensão do sujeito que contém e tem ficado renunciada e até mesmo proibida, como cita o autor, e inclusive é analisada por muitos profissionais como algum desonesto que precisa ser abandonado das metodologias de ensino.

Percebe que não há educação sem afetividade, assim sendo o professor não conseguirá desempenhar sua função de educador sem que exista envolvimento, obrigação e consideração necessária ao entrosamento com o outro.

Vários alunos começam a se desinteressar pelos estudos e cria uma resistência com algumas disciplinas e professores pela ocorrência de não haver uma relação de afetivo e que, até mesmo, a carência da cordialidade interfere na aprendizagem. A relação entre o educador e o aluno na qual os dois se habituar-se às modificações que acontecem, e portanto vão se transformando.

Para que o processo educacional fique contaminado por essa ideia humanista, crítica e possa transformar citada pelos autores já citados, o estudar precisa acontecer e ser vivenciado a por meio de uma expectativa não apenas intelectual, mas distinguindo o espaço do afeto e dos diversos sentimentos que se apresenta no ambiente escolar. A sala de aula incide, assim, a apresentar um

espaço de experiências que as emoções e os sentimentos permanecem lado a lado com a razão.

É notória que convivemos em uma sociedade desprovida de valores, apontada por modelos egocêntricos de uma nação enferma. Dessa maneira, discorrermos de um aprendizado emocional com algumas atitudes de amparo, empatia e dependência recíproca não é um serviço tão fácil, porquanto constituiria em educar o sujeito para uma inovação no modo de ser.

Por meio dessa questão de vista educacional, entende-se que o processo ensino aprendizagem deixa de ser mecânico e puramente técnico, e passa a ser visceral, e a sala de aula torna-se um espaço de descobertas não só de ordem cognitiva, mas também resultado de uma interação viva de gente, que não tem medo de ser gente, e que por isso pode pensar, refletir criticamente, cuidar, sentir e, por que não dizer, amar.

Por fim, para entender a complexidade de uma prática pedagógica que se preocupe com relações mais humanizadas, é preciso repensar a educação a partir de uma nova visão, em que o conhecimento se constrói mediante diálogos, cooperação, e os processos de percepção e pensamento serão alinhados com as situações de afeto, emergindo a todo instante na interação com o outro.

É importante ressaltar que a afetividade não acontece apenas no contato físico, mas também quando o professor se interessa pelo desenvolvimento do aluno, elogia o que ele faz e reconhece os seus esforços. Também é necessário que o aluno se implique cuidando dessa relação. Essas são manifestações de afeto, mesmo que não tenham o contato corporal.

Compreendemos que a afetividade não é puramente um ato “meloso”, e nem precisa ser, mas podemos considerá-la como um ingrediente importante e indispensável na relação entre pessoas, intensificando os vínculos e criando continentes favoráveis para o desenvolvimento cognitivo.

Na relação com o seu aluno que o professor percebe o quanto é desafiador o seu trabalho, devido à influência preponderante dos afetos e emoções que são vivenciadas a todo tempo, ora prazerosas, ora decepcionantes. No compartilhar do espaço físico da sala de aula, professores e alunos, a todo tempo, são afetados um pelo outro; portanto, mesmo que de maneira involuntária, a presença do outro interfere no nosso metabolismo, na nossa personalidade e influencia as nossas

ações, em movimentos de aproximação ou afastamento, dependendo do evento que acontece.

Desse modo, desenvolver a afetividade não significa negar a importância do pensamento ou da razão, mas vincular conhecimento e sentimento. Vygotsky, quando se refere à relação intelecto-afeto, procura integrá-los de maneira dialética, apontando uma dimensão do humano em que se confere uma unidade entre esses dois processos. O autor “concebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza

Nessa nova visão de educação, a tarefa do educador é de se lançar no contato com o outro e convidar o educando a também se personificar nesse encontro, numa relação autêntica de vivências que se constroem no “aqui e agora” e que são integradoras na medida em que favorecem a curiosidade, a criatividade, ativando o desenvolvimento da percepção e da capacidade de sentir e pensar.

CAPITULO 3

ENSINO DE MATEMÁTICA NOS DIAS ATUAIS

Este capítulo discorre sobre o ensino de matemática nos dias atuais levando em consideração as dificuldades e a relação do professor com o aluno na sala de aula.

A educação está vivenciando grandes alterações, com intensas representações na sociedade. Os princípios educacionais são individualmente atingidos, pois são comprimidos pelas pesquisas e pelas avaliações internacionais, decisivamente comparativas. Convivemos em uma sociedade em constantes progressos tecnológicos, onde o individuo têm cada vez mais instrumentos que ajudam as estimativas matemáticas.

Hoje a matemática vem passando por uma grande transformação. Isso é absolutamente natural. Os meios de observação, de coleção de dados e de processamento desses dados, que são essências na criação matemática, mudaram profundamente. Não que se tenha relaxado o rigor, mas, sem dúvida, o rigor científico hoje é de outra natureza. (D'AMBRÓSIO, 2001, pág. 58).

Houve uma revolução de mudanças também na prática da sala de aula, o professor que usavam uma determinada metodologia em décadas e anos anteriores nos dias de hoje tal metodologia não faz mais a diferença em sua prática. Surge então o discurso do professor pesquisador, que a cada instante necessitar buscar, pesquisar, inserir novas metodologias em sua prática diária. Sendo assim, a prática educacional está a todo o momento tentando chegar perto das ferramentas tecnológicas, é a educação em competição com a tecnologia.

O ensino de matemática já não é instruído com um grande número de procedimentos prontos, é oferecido ao aluno condições para que ele procure opções para alcançar a resposta certa. O aluno permanece, portanto construindo o seu conhecimento. D'Ambrósio (1996) aponta que os programas de Matemática incidem em coisas acabadas, mortas e definitivamente fora do contexto e com isso, tornando vez mais complexo motivar alunos para uma ciência tão cristalizada.

De certa maneira, os avanços constantes na educação têm despontados outros valores a respeito do ensino, obrigando os professores e toda comunidade educacionais a procurar alternativas para que a escola siga de maneira eficiente as tais mudanças tecnológicas.

D'Ambrósio (2001) diz:

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura.

É o educador que procura inovação metodológica para seguir as transformações da sociedade, extrair o que é envelhecido e se organizar para o que atual, o professor compreende que uma simples alteração no seu método faz a diferença proporcionando aos alunos desejo, motivação para a busca do conhecimento.

Segundo D'Ambrósio (2001, p.31) que:

É muito difícil motivar com fatos e situações do mundo atual uma ciência que foi criada e desenvolvida em outros tempos em virtude dos problemas de então, de uma realidade, de percepções, necessidades e urgências que nos são estranhas.

A disciplina de matemática é considerada a que mais reprova, os alunos que não tem afinidades com os números desde o início de sua vida escolar carrega uma grande dificuldade na disciplina. A metodologia que o professor usa na sua prática diária faz a diferença significativa pra esses alunos, eles podem desenvolver afinidade com os números ou apenas adquirir uma nota para aprovação da unidade, tem ainda os que necessitam de outros mecanismos pra aprovação, como conselho de classe, atividade paralela entre outros.

Uma enorme dificuldades apresentada pelos alunos que percebemos no dia a dia da sala de aula é no momento da resolução de problemas está na interpretação do enunciado. O ele não consegue interpretar o problema, em alguns casos a interpretação feita nada tem a haver com o que se pede. Isso acontece porque ele não se encontra preparado para resolver esse tipo de questão, também pode ocorrer uma falha na formulação da questão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil,1997) advertem a resolução de problemas como questão de partida para o ensino de Matemática.

O ponto de partida da atividade matemática não é a definição, mas o problema. No processo de ensino e aprendizagem, conceitos e métodos matemáticos devem ser abordados mediante a exploração de problemas, ou seja, de situações em que os alunos precisam desenvolver algum tipo de estratégia para resolvê-las.(BRASIL, 1997,p.32).

A escola instrui a Matemática formal, passa por meio de vários procedimentos e regras, o aluno por algum motivo não obtém uma ampla compreensão sobre determinado assunto ou até mesmo a respeito da forma como se resolve tal questão. Essa compreensão se aprende no dia a dia com métodos usados no dia a dia do aluno.

Segundo D'Ambrósio (2001), auxiliar o aluno a reconhecer, compreender e transformar o ambiente que convive, instigando seu entendimento e sua habilidade de resolver problemas. Porém, eles não observam o ensino de Matemática na prática desta maneira. Para os alunos, a Matemática é uma disciplina muito complexa e com características próprias que só conseguem aprender os alunos que são munidos de muita inteligência.

A Matemática pode colaborar para que o aluno comece a entender o verdadeiro significado da escola em sua vida. Entretanto, isto ainda não aconteceu, e pode não acontecer se o método de ensino continuar sendo o mesmo de décadas atrás, muitos professores focam nos conteúdos de uma matéria já pronta, usa uma metodologia individual e sem contexto longe da realidade do aluno, sem a mínima coerência com o que ocorre em outras áreas do saber e até mesmo o que está se passando na atualidade.

Conforme D'Ambrósio (1989), os alunos acreditam que a aprendizagem matemática ocorre através de acumulação de fórmulas e algoritmos. Acredita que desenvolver aprendizagem em matemática, basta aplicar regras e reproduzir em múltiplos exercícios. Como não entende de maneira ampla, ficam unicamente decorando as fórmulas de resolução dos exercícios, sem o conhecimento como pode aplicar em uso próprio fora do espaço escolar.

Sempre os professores de Matemática são interrogados sobre o procedimento de ensino-aprendizagem, como nas Provas Brasil, e no ENEM, são

vários os debates a respeito do assunto sobre como vem sendo passado os conteúdos na escola. Examina-se como se aprende Matemática hoje, perante os progressos científicos e tecnológicos da sociedade atual, isso refletem nas práticas docente em sala de aula. Ensinar matemática nos dias de hoje necessita associar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade atual, além de incluir na realidade dos alunos, para que eles percebam a importância de tal disciplina.

Conforme esclarece (D'AMBRÓSIO, 1989,) que:

Sabe-se que a típica aula de matemática a nível de primeiro, segundo ou terceiro graus ainda é uma aula expositiva, em que o professor passa para o quadro negro aquilo que ele julgar importante. O aluno, por sua vez, copia da lousa para o seu caderno e em seguida procura fazer exercícios de aplicação, que nada mais são do que uma repetição na aplicação de um modelo de solução apresentado pelo professor. Essa prática revela a concepção de que é possível aprender matemática através de um processo de transmissão de conhecimento. Mais ainda, de que a resolução de problemas reduz-se a procedimentos determinados pelo professor. (D'AMBRÓSIO, 1989, p.15).

De acordo com o pensamento da autora esse método educativo tem implicações diretas na relação do aluno com aprendizagem, no seu entendimento as aulas e sobre a captação dos noções de matemática. A transformação de algumas práticas é debatida por pesquisadores matemáticos que asseguram que é necessário oferecer aprendizagem expressiva para o aluno por meio da vivência de condições do cotidiano.

Para D'Ambrosio (1999), em Matemática é impossível debater práticas educacionais que se firma na cultura, em costumes de aprendizagem e nas memórias sem questionar à história que envolve o fato desses alicerces.

Desvincular a Matemática das outras atividades humanas é um dos maiores erros que se pratica particularmente na educação da Matemática. Em toda a evolução da humanidade, as idéias matemáticas vêm definindo estratégia de ação para lidar com o ambiente, criando e desenhando instrumento para esse fim e buscando explicações sobre os fatos e fenômenos da natureza e para própria existência (D'AMBRÓSIO, 1999, p. 97).

No pensamento de D'Ambrosio (1999), debater educação sem levar em consideração os fatos históricos e às explicações é quase impraticável. E se estende

a outros campos do saber, em particular Matemática. “acredito que um dos maiores erros que se pratica em Educação Matemática, é desvincular a Matemática das outras atividades humanas” (p. 97).

Segundo D’Ambrósio (1999, p.98), como a necessidade de recorrer à história no decorrer do processo ensino-aprendizagem da Matemática :

Eu tenho pensado muito que o passo decisivo que nos tornamos capazes de dar, mulheres e homens, foi exatamente o passo em que o suporte em que estávamos virou mundo e a vida que vivíamos virou existência, começou a virar existência. E que nessa passagem, nunca você diria uma fronteira geográfica para a história, mas nessa transição do suporte para o mundo é instalada a história, é que começa se instalar a cultura, a linguagem, a invenção da linguagem, o pensamento que não apenas se atenta no objeto que está sendo pensado, mas que já se enriquece da possibilidade de comunicar e comunicar-se. Eu acho que nesse momento a gente se transformou também em matemáticos. A vida que vira existência se matematiza. Para mim, e eu volto agora a esse ponto, eu acho que uma preocupação fundamental, não apenas dos matemáticos, mas de todos nós, sobretudo dos educadores, a quem cabe certas decifrações do mundo, eu acho que uma das grandes preocupações deveria ser essa: a de propor aos jovens, estudantes, alunos, homens do campo, que antes e ao mesmo em que descobrem que 4×4 são 16, descubram também que há uma forma Matemática de estar no mundo.

Para D’Ambrósio, a História da Matemática subsidia a determinar o que se apreende por matemática. Nessa definição, não existe como resistir da atitude ideológico da histórica, portanto como não se pode fugir da consideração de que a atuação educativa é consecutivamente política.

Em varias condições uma maneira de aprendizagem não se pode aplica, para se alcançar uma determinada resposta no ambiente escolar por não ser o mesmo procedimento usado para conseguir a êxito no universo do aluno, ou ate mesmo por não haver a relação da Matemática oferecida no ambiente escolar com o cotidiano no aluno na prática. Segundo D’Ambrosio, (2001, p. 57 “ o que requer o ensino da matemática pelo contexto que o aluno está inserido, preservando a sua cultura”. Defende as distintas culturas de varias maneiras de conhecimento.

[...] verificar o alto nível de abstração matemática de algumas culturas antigas, o aluno poderá compreender que o avanço tecnológico de hoje não seria possível sem a herança cultural de gerações passadas. Desse modo, será possível entender as razões

que levam alguns povos a respeitar e conviver com práticas antigas de calcular, como o uso do ábaco, ao lado dos computadores de última geração Brasil (1998, p.43).

A educação atualmente permanece voltada à construção de conhecimento pelo aluno, o professor é o intermediário, ele apresenta a direção, contudo o seguir quem decide fazer faz é o aluno. Existe uma ampla heterogeneidade cultural na sociedade, é esta variedade que controla esta opção pela maneira mais adequada para cada sujeito.

O que afeta particularmente a Educação Matemática de hoje é a maneira como se forma o professor. Enfoca também que existem inúmeros pontos críticos no processo de ensino aprendizagem, que se deve a deficiências na sua formação, que são concentradas em dois setores: falta de capacitação para conduzir os alunos e o desuso de conteúdos adquiridos nas licenciaturas. (D'Ambrósio, 1996, p.83).

Esta aquisição de informação na sala de aula é o período de interação entre o ensino da matemática de maneira formal, e como usa-la no cotidiano. Mesmo que a não admita aproveitar os esclarecimentos analíticas, a aprendizagem se dá por meio de observações, análise da sociedade.

De acordo com os PCN's matemática:

Faz parte da vida de todas as pessoas nas experiências mais simples como contar, comparar e operar sobre quantidades. Nos cálculos relativos, salários, pagamentos e consumo, na organização de atividades como agricultura e pesca, a matemática se apresenta como um conhecimento de muita aplicabilidade, também, é um instrumental importante para diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizado em estudos ligados as ciências da natureza como as ciências sociais e por estar sempre presente na composição musical, na coreografia, na arte e nos esportes. (PCN's, 1997. P.29)

Para D'Ambrosio (1999, p. 99):

...O exercício de direitos e deveres acordados pela sociedade é o que se denomina de cidadania". E, "Educação é o conjunto de estratégias desenvolvidas pela sociedades para: possibilitar a cada indivíduo atingir seu potencial criativo; estimular e facilitar a ação comum, com vistas a viver em sociedade e exercer cidadania.

Sendo assim percebe-se que o professor precisa administrar o procedimento educacional de maneira a criar uma relação da disciplina vinculada com a educação e não subordinar a educação aos fundamentos e progressos da disciplina.

D'Ambrósio (1999, p. 270) destaca aspectos importantes no ensino da matemática:

O aspecto crítico, que resulta de assumir que a Matemática que está nos currículos é um estudo de matemática histórica? E partir para um estudo crítico do seu contexto histórico, fazendo uma interpretação das implicações sociais dessa matemática. Sem dúvida isso pode ser mais atrativo para a formação do cidadão. O aspecto lúdico associado ao exercício intelectual, que é tão característico da matemática, e que tem sido totalmente desprezado. Porque não introduzir no currículo uma matemática construtiva, lúdica, desafiadora, interessante, nova e útil para o mundo moderno. O enfoque histórico favorece destacar esses aspectos, que considero fundamentais na educação matemática.

A importância do acontecimento que a história não se limita apenas as conquistas desenvolvimentos tecnológico da sociedade e não fica a mercê dos pesquisadores e estudiosos dos avanços.

De acordo com D'Ambrosio (1996) a história da matemática no ensino precisa ser considerada especialmente pelo aspectos motivacional para o ensino. Necessita dar curiosidades, coisas importantes e que permita motivar alguns alunos.

Observando o acontecimento que muitos conhecimentos matemáticos são transmitidos como se fossem conseguidos de maneira apropriada e oferecidos como desprovidos de erros e problemas. Sendo assim, o autor dá ênfase a precisão de o professor advertir que a maneira aperfeiçoada na qual hoje se encontra o conceito matemático encobre transformações ocorrida no decorrer de sua história.

A matemática precisa ser empregada na preparação e concretização de atividades direcionada à construção das noções básicas de conceitos matemáticos, desenvolvendo nos alunos a vontade de reconhecer através da investigação para compreender a verdadeira importância do ensino de matemática.

Nos currículos escolares e nos livros didáticos proporciona os conteúdos de reprodução de resultados sem contextualização. Deste modo, ao analisar o ensino de matemática em sala de aula, o professor precisa apresentar a necessidade de

aprender matemática para o cotidiano do aluno, fazendo uso de fatos da vivência dos alunos para que eles sintam-se motivados.

Afirmção, D'Ambrosio (1996, p. 16), considera que:

Sei que muitos estão pensando que não vai sobrar tempo para darmos conteúdo de matemática se gastarmos tanto tempo falando sobre matemática. Pois eu digo que a solução é cortar conteúdos, retirando coisas desinteressantes, obsoletas e inúteis, tais como os cálculos aritméticos e algébricos e inúmeras técnicas de derivação e de integração. Tudo isso se faz trivialmente com uma calculadora de bolso -- nem é necessário usar computador.

Para o autor citado acima a preparação que admite o professor elaborar um enfoque histórico estabelece um aprendizado constante. Embora, nessa situação, permite o pensamento colaborador reflexivo sobre qual será o processo adequado para inclusão da motivação do ensino de matemática.

D'Ambrosio (1996, p. 15) que:

Claro que o ideal é um estudo mais aprofundado do que a simples enumeração de nomes, datas e lugares. Sobre cada tópico, deve-se elaborar um pouco. É muito importante destacar aspectos sócio econômicos e políticos na criação matemática, procurando relacionar com o espírito da época, o qual se manifesta nas ciências em geral, na filosofia, nas religiões, nas artes, nos costumes, na sociedade como um todo.

Na sociedade contemporânea há uma globalização de conhecimentos, com acessos acelerados e informatizados e de muitos lugares e de vários saberes e cultura permitindo agilidade por meio dos inseridos no processo educacional e, nesse momento, é de fundamental importância uma interferência na atitude do professor diante do procedimento de aquisição de aprendizagem.

Conforme D'Ambrosio (1996, p. 13) que:

É importante dizer que não é necessário que o professor seja um especialista para introduzir História da Matemática em seus cursos. Se em algum tema o professor tem uma informação ou sabe de uma curiosidade histórica, deve compartilhar com os alunos. Se sobre outro tema ele não tem o que falar, não importa. Não é necessário desenvolver um currículo, linear e organizado, de História da Matemática. Basta colocar aqui e ali algumas reflexões. Isto pode gerar muito interesse nas aulas de Matemática. E isso pode ser feito sem que o professor tenha se especializado em História da Matemática.

Através do ensino de da matemática é necessário compreender os alunos necessita saber que aprendizagem de matemática ocorreu desde os primórdios ate os dias atuais, e que é grande importância para a vida do homem. Desta maneira a motivação pode ocorrer através dos questionamentos que surgirão.

Hoje em dia há uma enorme inquietação em relação à formação e capacitação de professores nas diversas áreas do saber. É percebida por todos à necessidade de novos métodos que atenda as atuais praticas de ensino. Levando em consideração que o professor está sempre em formação, seja de pratica ou conceitos tudo para desenvolver um adequado conhecimento.

As propostas procuram despontar a importância de um professor reflexivo, por meio do desenvolvimento que buscou para usar como base em suas praticas em sala de aula, assim, dando credibilidade ao ensino por meio de atitudes adquirida em sua formação.

Segundo D'Ambrósio (2001), é preciso conciliar a teoria estudada com a prática que será aplicada, o conhecimento matemático, quanto o pedagógico, precisa caminhar unidos, promovendo interação entre os saberes, cooperando portanto para aprimorar a formação.

O desenvolvimento do professor é um enorme desafio, no que toca no aprendizado na disciplina de matemática. É interrogado a respeito do procedimento mais adequado na formação deles, que se envolvam mais em procurar novas prática que facilite o aprendizado dos alunos, avaliando a realidade que o mesmo está inserido.

A prática fica em uma maneira de evidência na formação, analisada por meio de uma análise, onde se pesquisa inicia através da realidade vivenciada pelo mesmo. Percebe que o professor só aprenderá desempenhando sua função, por meio de uma pratica observada, levando em conta as dificuldades. Mas não deve repassar seus conhecimentos, mas tem a missão de fazer os alunos aprender com eles.

Esses problemas ocorrem por meio da diferença entre a formação teórica do professor e à extensão na prática, ou seja, na pratica é bem diferente da teoria, fugindo da realidade do aluno que é o ponto inicial para aquisição do conhecimento a vivencia do aluno.

Houve varias transformações no decorrer da pratica do professor, portanto ele passou a ser o mediador da aprendizagem, abandonando a especialidade de reprodutor de informação para adquirir uma atitude de pesquisa.

Entende-se que professor de matemática apresenta competência avaliar e debater os processos que ajuda no desenvolvimento do aluno e sobre a maneira como ele aprende, respeitando os meios que ele usam para aquisição do próprio conhecimento, levando em consideração o meio e o entrosamento com outros alunos na busca de resultados reais.

O professor precisa conhecer a capacidade cognitiva de seu aluno, até mesmo os tipos de informações que cada um deles já possui e quais está em fase de desenvolvimento, ter clareza nas dificuldades que os mesmo apresentam pra que possa trabalhar partido do que ele já sabe e sanando dentro do possível as dificuldades. Necessita buscar novas táticas importantes que facilitem a aprendizagem.

O educador necessita estar disposto, também, para as ocasiões em que o seu planejamento precise ser alterado sem perder a sua legitimidade, ressaltando ainda que planejar não constitui alienar-se da realidade oferecendo, portanto autonomia para uma possível transformação se adequando a sala de aula.

A qualidade que se destaca em um professor é a afetividade. Em sua pesquisa, examinou os alunos a respeito das qualidades de um bom professor, e a resposta constituiu que, o professor é o que sustenta afinidade afetiva.

Oferecendo oportunidades de formação do indivíduo e preparar para ser ativos e críticos na sociedade. Para considerar a atuação da escola, como formação de eficiência, precisa preparar o sujeito para atuar na sociedade, através da consciência dos problemas enfrentados pela comunidade na qual ele está inserido.

Mas, a responsabilidade da escola não termina, faz-se necessário uma campanha de conscientização a respeito da importância da formação adequada. E esse processo de aquisição de novos conhecimentos e novas metodologias atinge seu nível máximo quando o sujeito é capaz de adquirir diversos conhecimentos através de um simples processo prático.

Pensando a respeito das dificuldades e receio em relação à matemática, observar que mesmo constituindo uma disciplina que faz parte do currículo escolar, e que fornece expressivamente para a desenvolvimento do individuo, são enormes os problemas e fracassos.

Os melhores professores são que tornam as aulas mais atraentes, que incentiva a informação do aluno, que consegue se expressar de maneira que todos apreendam que estimula à crítica, à curiosidade e à pesquisa, que investiga maneiras diferentes de desenvolver a aula, que faz o aluno compartilhar do ensino.

Portanto, a concepção práticas educativas abrange restaurar sua narrativa, o que constitui retornar a sua formação. Se o nosso objetivo é alcançar o processo de composição de práticas educacionais bem sucedidas, iniciamos do diagnóstico do processo passado e da inquietação das afinidades que o compõem.

Sendo assim, debatemos os métodos educativos, desde os clássicos até atualidade. Analisamos e debatermos a propósito de desenvolvimento histórico da viabilidade desses processos e métodos por avaliarmos, portanto como que todas as fabricações homem transportam o equívoco e a agitação, pensamentos e ações inapagáveis da história. Os métodos educativos são culturas do sujeito, assim necessitam ser avaliadas à lucidez histórica demonstrado em informações determinados sobre elas. Primeiramente nos apreendemos em especificar a definição de métodos educativos nas quais nos sustentamos.

As práticas educativas na contemporaneidade necessita ser o de diminuir a influência entre a informação científica e a tradição de embasamento determinada no cotidiano das pessoas. E igualmente a obrigação com o função educativo “ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação da realidade”.

Percebemos que a sociedade Contemporânea determina novidades e modificações que chegam a todas aos domínios da sociedade. Ao conviver e interferir num universo de grandes novidades tecnológicas, de modificações econômicas, políticas sociais e culturais, o indivíduo necessita se adequar não exclusivamente não somente para está inserido na própria transformação, mas na maneira de pensar, essas transformações como algo necessário para os dias atuais e que toda essa avalanche de transformação precisa estar inserida nas pratica de ensino. Pois todas as inovações que o mundo vivencia reflete em todas as áreas desde o contexto cultural, social, profissional e a escola precisa preparar o aluno para conviver com tais mudanças.

Métodos educativos desse tipo cooperam com a forma que o aluno compreende o mundo ao seu redor e encare as transformações de maneira positiva

dentro de um contexto de sua realidade, na contemporaneidade, é preciso aperfeiçoar o ensino, que leve à transformação do modo de pensar.

Assim sendo, é essencial e imprescindível que constituam meios adequados para que os jovens se adaptem às tais conhecimentos e que sejam direcionados pela prática na escola. Na situação contemporânea de crise e probabilidades, como atitude de partir com várias esferas da sociedade é notável a importância das transformações ocorrida ao longo dos anos.

Aperfeiçoar no período onde é fundamental o desapego de práticas anteriores para viajar em uma prática atual, contextualizada e que tenha a vivência do aluno, as transformações ocorrida nas áreas das tecnologias, transformações em todos os meios de informação a sociedade passa por momentos de significativo poder de decisão. E só através de um novo pensar, e a escola necessitar estar atenta para tais mudanças e de seus alunos.

O ensino para desenvolver o indivíduo adequado de ampliar essas características, é aquele que se norteia por métodos educativos que, ao oposto de instigar a fragmentação do saber, informa os alunos para que percebam e entendam as afinidades que conectam os conhecimentos, oferecendo-lhes significado. Por fim, constitui o acúmulo do conhecimento, o aluno estude por elemento essencial que é o exercício de diagnóstico e resumo, a que leva a distinguir as transformações da atualidade.

Os mitos também têm seu lugar o qual permeiam na vida humana e geram verdades que pertence ao senso comum, explicando muito aquilo que não foi explorado a ponto de não mais dar margem. A explicação superficiais.

No âmbito escolar os mitos também são expostos que acabam por até limitar a prática educativa perpassando por gerações e às vezes distorcem a realidade como tais fenômenos alunos preferidos ou mais e menos inteligentes, professores difícil de lidar são mitos celebrados no espaço escolar.

A ação do processo tem que ser entendida como uma prática que tem o objetivo de melhorar a prática educativa e o ensino aprendizagem, com a função de ajudar e reformar o mesmo para que ele ocorra de modo significativo.

A prática educativa sempre apresentou barreiras, afinal os estudantes não podem ser vistos como iguais em seus processos de ensino-aprendizagem, já que cada um tem o seu tempo, o seu momento de aprender. Tratando-se, portanto, de

um processo, que deve ser visto pelo professor com olhar de subjetividade, já que o aprendizado pode variar de estudante para estudante.

No entanto, os métodos usados pelas escolas e normalmente são iguais para todos os estudantes. Mas a partir dos progressos que iria apresentando gradativamente e às aquisições cada vez mais complexas que seria capaz de fazer-nos diversos domínios da aprendizagem, com referência aos critérios preestabelecidos. Essa prática incorporavam a ideia de um processo contínuo, diário e permanente, no qual estão em jogo aquele que ensina aquele que aprende e o contexto no qual o ensino se dá.

A aprendizagem é um fenômeno, um processo bastante complexo. Hoje existem muitas teorias sobre a aprendizagem. Elas são estudadas em Psicologia Educacional. Inicialmente convém salientar que a aprendizagem não é apenas um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. As informações são importantes, mas precisam passar por um processamento muito complexo, a fim de tornarem significativas para a vida das pessoas. Todas as informações, todos os dados da experiência devem ser trabalhados, de maneira consciente e crítica, por quem os recebe.

CAPITULO 4

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS PARA AQUISIÇÃO DA APRENDIZAGEM

Este capítulo aborda importância das relações interpessoais e afetivas para a aquisição da aprendizagem.

A tendência pedagógica hoje que norteia o ensino é a sócio crítico que fundamenta na valorização do ensino público. A afinidade do professor com o aluno se dar por meio do diálogo, compreensão e, especialmente, pelo meio das trocas de conhecimento. O professor, nesta concepção, busca garantir as informações sistematizadas de todos, como qualidade para o conhecimento do indivíduo nas resistes lutas sociais. Ainda busca, por meio da conversa, examinar a tradição.

O professor busca, ao lado dos alunos, designar condições para o desenvolvimento firme perante a sociedade para que tenha condições de exercer seu papel de maneira crítica. Assim, tanto professor quanto alunos constroem, analisam, verificam debate, reconhece e busca seus direitos e deveres através das conquistas sócias e cultural na qual estão inseridos. O professor proporciona possibilidades para as reações afetivas do estudante, e percebemos esta oportunidade como um excelente princípio para a aquisição da aprendizagem almejada.

As emoções, os sentimentos, e os anseios são aparecimentos da vida afetiva, significando que as emoções chegam consecutivamente seguidas de modificações orgânicas. Compreendendo que o indivíduo no seu contexto, não se deve afastar a afetividade da cognição, sendo assim, o sentimento do pensamento.

Isto estabelece que as relações afetivas constituídas na sala de aula dependem extremamente das atitudes do professor, se o ele permanecer impassível ou demonstrar bravura em relação aos alunos, a intenção é que tais maneiras ocasionem reações mútuas nos alunos, provocando um espaço conflituoso que atrapalhará a obtenção do conhecimento. Contudo, se o professor atuar de maneira que demonstre o seu empenho pelo desenvolvimento dos alunos, respeitando suas individualidades, instituirá um espaço mais apropriado para aprendizagem.

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelecem relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. Quando o professor passa motivação para seus alunos, sendo assim ele busca através da afetividade e da motivação para chegar ao objetivo almejado.

O assunto da motivação é uma questão tem sido tema de debate há muitos anos. A respeito das discussões encontram-se vários teóricos abordando o tema. Portanto entende-se que não há uma concordância sobre a opinião e do conceito de motivação entre os teóricos.

Averigua-se que não há um único conceito, cada autor expõe a sua compreensão sobre o assunto. Precisa demonstrar alguns dos conceitos citados pelos literários pesquisados. Segundo Lopes (1980 apud GONÇALVES, 1982, p. 22) motivação é “o empenho de aumentar ou manter tão alto quanto possível a capacidade de um indivíduo, a fim de que possa alcançar excelência na execução de atividades das quais dependam os sucessos ou os fracassos da organização a que pertence”.

Para Vergara (2000, p. 42) determina que motivação seja: “motivação é uma força, uma energia que nos impulsiona na direção de alguma coisa” e adiciona apesar é, categoricamente, essencial, isto é, permanece incluso em nós, e se apresenta de acordo a nossas necessidades essenciais.

Segundo Silvio Broxado (2001, p. 3) esclarece que “a palavra motivação vem da palavra ‘motivo’ mais o sufixo ação que quer dizer movimento”, logo, motivar significaria dar motivo a, ocasionar, exhibir o motivo. “os motivos podem ser externos às pessoas, ou internos, derivados dos instintos, forma inconsciente, ou dos desejos criados, forma consciente.” De acordo com o pensamento de Broxado defini motivação como um “impulso que vem de dentro”, Para ele “os impulsos externos do ambiente são apenas condicionantes.”

Portanto, fica evidente que existem várias definições, rigorosa e invariável para o assunto motivação. Entre os autores citados, percebe-se que há um pensamento que a motivação é um fato interno e particular de cada indivíduo, sendo assim, motivação é Essencial. O outro afirma que a motivação precisa ser entusiasmada pelo meio de convívio do sujeito.

Contudo, esclarece que o indivíduo se movimenta conforme suas necessidades, portanto recebe aos estímulos externos apenas se os mesmos sinalizarem a concretização e a satisfação de tais necessidades. Do mesmo modo, induz-se em autoridade que os sujeitos de particularidades diversificadas sendo assim, reagem de maneira diversa de acordo a cada um.

A motivação é um instrumento poderoso, que está inserido no interior das pessoas, dando firmeza a essência. É a anseio de viver, agir, criar, participar, realizar, ser útil. É a obrigação existir, que estabelece sua autoestima, ou seja, valorização de si mesmo, amor próprio.

A teoria da motivação humana de Abraham H. Maslow, fundamentada na divisão das necessidades essenciais do homem, baseou-se nas pessoas principais trabalhadoras com o intuito de consentir e satisfazer e no atendimento das necessidades principais, não geram motivação para outros empenhos. Portanto, torna-se uma grande aliada na aquisição do conhecimento e uma ferramenta poderosa para o professor que necessita desvendar novos apoios para garantir uma constante motivação de seus alunos. Conforme Bergamini (1997a, p.71), Abraham Maslow.

Motivações sociais secundárias culturais: estar sujeito necessariamente de aprendizagens, foi possível através do procedimento de socialização. Precisão de convívio, de consideração, de sucesso no meio social, dentre outros. Portanto tal grupo deve ser dividido por partes. Localizadas no sujeito através da autoestima anseio de segurança, de ser aceito, de referir-se a um grupo, de conseguir certo equilíbrio social.

Quando o sujeito está motivado para alcançar um determinado objetivo, e por um impedimento alguma não consegue alcançar, convive uma posição de frustração. Esta emoção vai depender de muitos fatores como individualidade, motivação etc.

Como finalizaram vários autores, a motivação necessita encontrar-se sempre positivamente incitada a fim de permitir todo o possível potencial da pessoa, assim

é a função do professor é proporcionar forma adequadas para o aumento da motivação de seus alunos, logo a autoestima também será elevada daí a importância de distribuir tais sentimentos na qualidade do conhecimento .

Castro (2012) apresenta um enfoque a respeito da motivação distinta das exibidas antes. O ele concorda com a opinião de que pode uma individuo possa motivar outra, mas isto só será possível se tal individuo motivador também esteja motivado.

A motivação permanece na imaginação das pessoas e passa por influência através dos conhecimentos do meio e se transforma por meio da cultura na qual elas vivem. Sendo assim, é necessário compreender o que cada pessoa pensa.

A motivação e atuação estão entisicas. Quanto maior a motivação, será também maior o desempenho do sujeito. Um elevado coeficiente de capacidades simplesmente não é satisfatório para se ter um grande desempenho. Faz-se necessário também que o individuo sinta motivado para desenvolver suas tarefas no dia-a-dia. Entretanto, se existir motivação, e a pessoa não tenha experiência a execução das tarefas também não terá êxito.

Aprofundada no mundo dos impulsos e descobre seu rumo pela à razão. A motivação compartilha da constituição existencial do homem e permanece entre o corpo e o espírito, entre o consciente e o inconsciente. A motivação dura por uma causa ou por um objetivo. Já para Ervilha (2008) a motivação vem de dentro das pessoas. É o desejo que está dentro dela que a leva a ação.

A motivação é alertada por um desejo, energia e um impulso. Os indivíduos ser movidos e estarem sempre em busca de algo novo, de realizar seus desejos, que tais desejos são infinitos para o homem. Estimulados a atender e satisfazer suas necessidades que já se tornou uma prioridade para o ser humano. De outro lado, a motivação constitui um objetivo que almejamos desempenhar e para alcançar os resultados que almejamos alcançar, procuraremos meios para ampliação, sejam eles: aprendizagem, formação, adaptação, educação, e outros.

As emoções estão vigentes quando se procura reconhecer, quando se constituem afinidades com componentes físicos, entendimentos com outras pessoas. Afeto e cognição compõem aspectos essenciais, atuais em alguma atividade, embora em dimensões modificáveis. A afetividade e a cognição se sustentam nas atuações e pelas ações das pessoas. O afeto consegue, portanto, ser compreendido como a potência indispensável para que a base cognitiva comece

a agir. Ele interfere na agilidade com que se estabelece a informação, pois, quando o individuo esta confiante, entende e aprende mais fácil.

Tanto a afetividade como a cognição constituem instrumentos de adequação, que admitem à pessoa a aquisição de elementos a respeito das circunstâncias, os componentes e os indivíduos, impondo-lhes características e valorização. Isso coopera para a constituição do próprio eu com uma noção do ambiente.

Ao se mencionar à relação entre intelecto e afeto, diz que "uma das deficiências da psicologia tradicional foi separar esses dois aspectos enquanto objeto de estudo". Proporciona a ação do pensamento de maneira autônoma, dissociado da perfeição, das obrigações e dos desejos pessoais. A resposta dessa dificuldade é recomendada que se fizesse uma observação durante o processo.

Observa-se que o autor não afasta o intelectual do afetivo, porque percebe o sujeito no seu conjunto. Embora de concepções distintas, intelecto e afeto compõem uma integração no processo eficaz do desenvolvimento.

As características afetivas como principio importante na construção do pensamento, conhecimento. Dessa maneira é de extrema importância que afetividade em todos seus aspectos seja levada em consideração e nunca afastada da cognição no processo de desenvolvimento do individuo.

Sendo assim, permanecemos comprovando que não se deve separar a afetividade da cognição, pois ela permanece evidente desde o nascimento, é a principal conexão que constitui e, para DANTAS (1992, p. 90), "a afetividade e a inteligência, no início da vida, estão misturadas, entretanto o predomínio é da afetividade".

Nesta compatibilidade consegue examinar no dia-a-dia, especialmente no ambiente escolar, onde ha um aumento do mundo emocional o resultado é sempre diminuir a ação intelectual que reflete na inibição do pensamento critico.

Compreende-se que a afetividade consegue intervir tanto de maneira negativa ou positiva nos procedimentos cognitivos. Porém afetividade no espaço escola tem muita credibilidade acaba-se desvinculando em alguns momentos a cognição do afeto no qual os autores já citados condenam esta ação. Isto acontece na maioria das vezes pela responsabilidade de consegui ministrar todos os conteúdos planejados. O mais comum é entre um conteúdo e outro quando surgem almas conversas que é abordado o afeto.

A autoestima contribui para o desenvolvimento escolar e a facilita na interação das relações sociais e cultural. Quando o professor contribui para que a autoestima de seus alunos seja sempre positiva o nível de aprendizagem também é elevado.

Os professores são atuantes nas conquistas de seus alunos devido a convivência diária, são varias formas de conhecimento entre alunos e professores no ambiente de uma sala de aula. Tanto o professor como o aluno percebe quando alguma coisa está diferente seja algo pessoal ou profissional tal sentimento reflete diretamente na convivência.

Segundo ALMEIDA (1997, p.14) "a relação professor-aluno em sala de aula tem se mostrado antagônica e conflituosa", já que os dois apresentam desejos, finalidades e valores diferentes, sem procurarem um equilíbrio para poderem prosseguir, constituem afinidades de tumultos, assim causando um grande problema sem respeitar as decisões do outro.

Para GOLEMAN (1995, p.92):

A forma como as perturbações emocionais podem interferir na vida mental não é novidade para os professores. Alunos ansiosos, mal-humorados ou deprimidos não aprendem; pessoas colhidas nesses estados não absorvem eficientemente a informação e nem a elaboram devidamente.

As agitações na sala de aula constitui um ambiente desequilibrado, sem conhecimento o que contribui também para indisciplina e até mesmo discussões, que de nada acrescenta no aprendizado e faz com que o professor sinta-se desmotivado para realizar sua função. Explicando o pensamento de Wallon, GALVÃO (1995, p.104) diz que "irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando como 'termômetro' do conflito".

O professor necessita apresentar nitidez nos objetivos, e nos fatores que causa os problemas, portanto acrescentará a probabilidade de equilibrar as ações afetivas dos alunos e de achar as formas para solucioná-los.

Por meio do pensamento, o docente procurará entender o causa das ações dos alunos e de suas relações, porque apresenta mais condições de alcançar o que está ocorrendo para atuar de maneira mais apropriada. Compete ao professor

descobrir os elementos para diminuir a emoção. GALVÃO (1995, p.106) dá destaque a dois tipos de situação conflituosa, muito comuns na prática pedagógica: são as "crises de oposição e as dinâmicas turbulentas"

Conforme GALVÃO (1995, p.107):

Reconhecer o papel positivo desta situação ajuda, mas não resolve o problema. É preciso que se encontre meios práticos para lidar com a situação. Cada um em seu contexto específico deve encontrar os meios, os procedimentos mais adequados, sobretudo estes que possibilitam autonomia e responsabilidade aos alunos, facilitando o convívio em situações de crise.

Nessas trocas entre o professor e o aluno ajuda a dominar os alunos, e os eles tendem aumentar no controle. Toda ação gerada na sala de aula de forma positiva contribui para aquisição do conhecimento. Não importa se o aluno está com dificuldade na disciplina ou não se o ambiente for afetivo ele terá uma boa relação tanto com o professor e com os colegas, assim ele terá um maior interesse em aprender.

As relações de conflitos, encaradas no ambiente escolar, completam e interferem no intelecto, e muitas vezes contribui para o fracasso escolar. SALTINI (1997, p.20) salienta que "a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento".

As maneiras, as expressões, a forma de se comportar dos professores aproximam, conquistam ou separam os alunos. A relação professor com o aluno precisa ir mais a frente da simples transferência do conteúdo e da realização métodos, para que o aluno seja capaz de construir, reconstruir, elaborar e reelaborar os conhecimentos.

O professor que se preocupa com o avanço dos alunos e contribui consegue a confiança de todos. Não será preciso fazer muito, basta contribuirmos através de pequenas ações e atitudes. Somos unidades capazes de nos unirmos e somarmos. se cada um de nos fizermos nossa parte simplesmente suscitara em outras vidas o desejo de mudança também. Vamos ser agentes modificadores permitindo que o mundo se torne melhor.

CAPITULO 5

AFETIVIDADE CONTRIBUI DE FORMA POSITIVA NA SALA DE AULA

O estudo foi desenvolvido em uma turma do 2º ano do ensino médio do Colégio Estadual Maria Xavier de Andrade Reis, situado no Bairro do Ginásio, no Município de Presidente Tancredo Neves.

A dimensão afetiva dos alunos em sala de aula, seguimos com foco de estudo sistemas interativos, inseridos na cultura demonstrado através dos valores. Examina-se tal influência, tanto em sua individualidade quanto nas interações em grupo.

A escola escolhida foi uma escola da rede de ensino público. Tal escolha baseou-se por ter acesso aos professores de matemática da unidade escolar. Com relação à escolha dos professores, optou-se em observar duas turmas usando o gênero como critério.

A turma escolhida apresenta muitas dificuldades na disciplina de Matemática. Foi elaborado um planejamento em forma de roteiro para colocar em prática o estudo. As primeiras aulas foram baseada na vivencia de cada aluno, sua história de vida, suas dificuldades, suas expectativas, realizações e desejos. Cada aluno teve a oportunidade em relatar suas experiências , eles fizeram uma pesquisa na sala de aula com os colegas e criaram problemas matemáticos para ser trabalhado na sala pelo professor.

As aulas foram desenvolvidas em três partes inicio, meio e fim. No inicio sempre o professor trazia uma música e todos cantavam e depois discutia um pouco sobre a letra da musica, assim a aula já começava motivada. Assim que bate o segundo horário, é o momento de os alunos participarem da aula, com uma mensagem, historia, jogo ou música e no final da aula é o momento de avaliar tudo que foi feito na sala. Avaliação é feita de forma coletiva onde todos expressão suas opiniões.

No primeiro dia foi um pouco complicado, alguns alunos ficaram com vergonha de participar e precisaram incentivo dos colegas. Daí em diante expliquei

para eles que estava lançando um desafio para turma, seria a troca de conhecimento de maneira real, tudo começou a fluir.

Com uma semana de trabalho já foi possível perceber a diferença de alguns alunos, principalmente os que ficavam quietos e não participavam das aulas, começaram a fazer perguntas, tirar dúvidas e a motivação era outra.

Comecei a perceber que estava fazendo a diferença incluir a vivências deles nas aulas de matemática. Também ficou evidente que alguns alunos tinham dificuldade de interpretação e compreensão na resolução das atividades propostas.

Tinha aqueles alunos que estava estudando por obrigação sem nenhuma expectativa de uma profissão, cursar uma faculdade totalmente desmotivada. Assim, em todas logo no início tinha o momento onde era trabalho afetividade através de dinâmicas, mensagens, músicas e conversas.

Estabelecer uma relação diferenciada era uma grande preocupação, mas acreditando que afetividade faz a diferença, ela determina as relações, cria laços de amizade, motiva são vários os efeitos positivo que a afetividade proporciona na relação entre os indivíduos.

Assim, na minha prática pedagógica procurei indagar meu aluno, ouvi e orientar a encontrar suas respostas, para isso foi necessário se desprender um pouco dos conteúdos para que o tempo estabelecido de aulas fossem suficiente.

Foi assim através das conversas informais e informais que procurei conquistar a confiança dos alunos, criar laços afetivos, entre professor aluno e entre os colegas de classe, através da troca de conhecimento e experiências de cada um, por meio dessas convivências o ambiente ficou mais agradável, tudo ocorreu de maneira natural, os alunos passaram a compartilhar mais suas ideias e dificuldades. Foi assim, que a sala de aula tornou-se um ambiente adequado aquisição de novos conhecimentos, com ajuda mútua, a vontade de aprender com o outro, respeitando as diferenças e tempo de aprendizagem.

Através da interação com ou outro adquirimos conhecimentos, procurei sempre desenvolver trabalhos em grupo, assim, percebi que existia uma resistência entre eles, na sala tinha os grupos já formado e outros colegas não podiam participar, também tinha os excluídos pela turma. Conversei com a turma qual a importância do trabalho em grupo, da importância da colaboração para aquisição de conhecimento dos outros e as possibilidades também de aprender com as experiências dos colegas, na realização de atividades que sozinho não

conseguimos. Foi nesse momento que minha postura de professor e a relação estabelecida com os alunos fez a diferença, deixando a cultura estabelecida pela escola e a convivência em sala de aula para mergulhar em uma nova postura adotada e transmitida através da afetividade na sala de aula.

Muitas das dificuldades apresentada em sala de aula é proveniente das famílias, a boa relação com o aluno vai permitir que o professor use estratégias para que não cause dificuldade no processo de aprendizagem. Alguns alunos não conseguem realizar atividades em sala de aula, através da confiança entre professor aluno foi possível orientar eles na organização e realização das atividades na sala. Alguns alunos também usava como justificativa de suas dificuldades em matemática se comparando com a mãe que não gostava de matemática e foram vários casos de justificativas. Através dos diálogos fui percebendo que muitos alunos apresentavam dificuldades nas quatro operações, daí surgiam, mas outras dificuldades no processo.

Em uma das aulas alguns alunos citaram a dificuldade de fazer perguntas para alguns professores, tirar dúvidas, pedir ajuda por falta de intimidade com o professor. Mas nesse momento mencionei a boa educação nos ajuda a ser simpático em qualquer situação e orientei na importância da construção de uma relação de amizade e respeito com o professor e aluno, assim, como o dialogo é fundamental para resolver qualquer questão.

Esta experiência me levou a perceber a importância de dialogar, conhecer nossos alunos, proporcionar momentos para que eles falem, avalie o processo, incentivar a relatar suas experiências, essa troca de informação nas aulas de matemática é fundamental no processo de aprendizagem, deixa o ambiente descontraído, o aluno sente-se mais a vontade para perguntar, tirar suas dúvidas, expor suas ideias, assim, afetividade contribui diminuir as dificuldades em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a temática afetividade na Educação, é necessário compreender que a educação é direito de todos. E que a dificuldade de aprendizagem vai existir e precisa ser sanada. Para tanto, é preciso que a comunidade escolar juntamente com as famílias sejam sujeitos participativos no processo.

Quando o aluno descobre o universo da afetividade no ambiente escolar passa a entender com mais facilidade as modificações constantes, descobrindo assim, suas habilidades. O professor afetivo entende e acompanha esse caráter transformador na vida de cada indivíduo. O aluno sente-se motivado a participar das atividades proposta de forma espontânea desenvolvendo assim, autonomia para participar, expressar-se de forma construtiva. É nesse momento que a escola tem que estar adaptada, preparada para acompanhar esse desenvolvimento.

As escolas se preocupam mais com os conteúdos do que com os sentimentos dos alunos. O indivíduo é completo com sentimentos e sonhos tentar preparar uma parte sem interferir nas demais é aprofundar no ser vazio. Explicar um conteúdo de maneira mecânica sem saber se o jovem está aberto no sentido de assimilar é de fato expor o conteúdo mais não transmitir o conhecimento. Os conteúdos devem ser passados de forma a atender as necessidades de todos. Em muitos casos os alunos ficam na sala de aula e é visto pelo professor como o coitado. A afetividade transforma esse momento em interação, superação, satisfação e conhecimento.

Entretanto, ensinar tem que ser para transformar o conhecimento em novas atitudes dos jovens e adolescentes, isso só é possível quando se ensina com amor, carinho, é através das novas atitudes do aluno que o professor pode avaliar se seu método de ensino está atingindo seus objetivos ou não. Muitos jovens tem uma carência de afeto, e o professor tem em suas mãos essa ferramenta tão importante e de poder modificador do pensamento humano. Se afetividade é capaz de transformar sociedade, imagine a vida de um adolescente.

Nesse sentido vale destacar as contribuições de Saltini que afirma que, “o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa

com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho.”

A escola precisa trabalhar afetividade com mais frequência porque a maioria dos alunos tem passado a maior parte do tempo na escola. Entretanto, o professor muitas vezes conhece mais a carência do aluno que a própria família, a escola deixou de ser vista como ambiente de educação formal. Ela atualmente vem exercer a função de transformar o aluno, preparar para viver em sociedade, para mercado de trabalho, dar apoio psicológico, familiar. Desta forma abriu-se um leque de responsabilidade para a escola, que foi desencadear problemas de aprendizagem em todas as séries e modalidades.

Para isso, a escola deve preparar seus professores com cursos de especialização, qualificação na área levando em consideração as habilidades e facilidade dos professores para enfrentar os obstáculos na sala de aula.

A influência no comportamento social que leva a interferir no comportamento emocional. O educador que prioriza a afetividade ao perceber a dificuldade do aluno procura logo investigar o problema, mas isso só é possível se houver uma relação de respeito, confiança entre eles.

Isso acontece devido a consequência de qualquer valoração é, sem dúvida, dar regras para a ação prática. Se algo tem valor para o indivíduo é necessário preservar para não perder. Assim, são os valores a sociedade atual tem sofrido as penalidades por falta da prática dos valores, a violência vem crescendo a cada dia.

REFERÊNCIAS

- BERGAMINI, Cecília W. **Liderança: Administração do sentido**. São Paulo: Atlas, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Matemática Brasília: MEC/SEF, 1998
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais, Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1997
- BROXADO, Silvio. A verdadeira motivação na empresa. Rio de Janeiro. 2001.
- CASTRO, M. L. G. de. **O bom professor do ensino médio e os desafios da docência no início do século XXI**. Pontifícia 2012
- COSTA, M. B. **Refletindo sobre a Educação Física escolar**. Diálogos possíveis. 2006.
- CUNHA, Maria Isabel da. **A relação professor-aluno**. VEIGA, I. P. de A. Repensando a didática. Campinas, SP: Papirus, 1996
- CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantado. Histórias de resiliência: o retorno à vida**. 2009.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Campinas, Papirus, 2001.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Como ensinar matemática hoje? Temas e Debates**. Brasília, 1989.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na Educação Matemática**. Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo. 1999.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **História da Matemática e Educação**. História e Educação Matemática. Campinas, SP: Papirus. 1996.
- DAMÁSIO, António Rosa. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DANTAS, H. **A afetividade da razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon**. São Paulo: Manole, 1992.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

- ERVILHA, A. J. Limão. Liderando equipes para otimizar resultados. 2008.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógico clínica da criança e da família.** 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 2007.
- FIORENTINI, D. **Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil.** 1998.
- GADOTT, Moacir. **Histórias das Ideias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 1993.
- GALVÃO, Isabel. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- GONÇALVES, M. da G. M. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 2010.
- GONÇALVES, M. da G. M. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In. REY, F. G. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2005.
- LÉVY-LEBOYER, Claude. A crise das motivações. 1990
- MACHADO, Maria G. De Bom. **Dificuldades Encontradas Pelos Alunos.** Processo de Aprendizagem da Matemática, 1992.
- MENDES, I. A. **História da matemática: um enfoque transdisciplinar.** FURB. 2003.
- MIGUEL, A. **As potencialidades pedagógicas da História da Matemática em questão: argumentos reforçadores e questionadores.** 1997
- NACARATO, A. M.; PAIVA, M.A.V. **A Formação do Professor que Ensina Matemática: Perspectivas e pesquisas.** 2008.
- NOBRE, S. **Alguns porquês na História da Matemática e suas contribuições para a Educação Matemática.** História e Educação Matemática. 1996
- PIAGET, J. **Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos.** 1973
- SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência.** 1997
- SCHETTINI FILHO, Luiz. **Pedagogia da ternura.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- VASCONCELOS, Cláudia Cristina. **Ensino-aprendizagem da Matemática: velhos problemas, novos desafios.** São Paulo. 2009.
- VERGARA, Sylvia. **Gestão de Pessoas.** São Paulo: Atlas, 2000

